

**"A Batalha" não incita ao atentado,  
cumprir apenas o seu dever flagelan-  
do com energia todas as injustiças**

## Consciência tranquila Problemas de organização

Insinuaram alguns jornais, e o *Correio da Manhã* afirmou, e o atentado do que foi alvo o armador sr. Correia da Silva, fôra incitado e preparado por uma campanha de *A Batalha*. E' grave e falsa esta acusação. Serenamente porque a nossa consciência está absolutamente tranquila—vamos provar que *A Batalha* não teve, nunca teria, interferência em atentados pessoais.

*A Batalha* é, como o *Correio da Manhã*, um jornal de combate. Este luta pelo advento da monarquia, nós pela queda do capitalismo e pela emancipação do operariado. Dia a dia, nesta maré de crimes e de injustiças que é a vida nacional, se apresentam questões que *A Batalha*, jornal de franco combate, não desamparou da sua missão, critica acerbamente, flagela com energia. Outro tanto aconteceu ao *Correio da Manhã*—com a diferença de aplicar um critério conservador e monárquico à solução dos problemas que enuncia.

Há tempos *A Batalha* descobriu que o armador Correia da Silva, ganancioso, despiado de escrúpulos queria obrigar a tripulação da barca *Bela Vista* a seguir viagem nesse barco, cujo estado de ruína fazia prever um desastre certo. *A Batalha*, cumprindo o seu dever, deu o alarme, denunciou o perigo, fez notar a responsabilidade tremenda que o sr. Correia da Silva assumia convencendo o capitão do Porto de Lisboa a deixar sair naquele estado a barca *Bela Vista*.

A barca saiu de Lisboa, metendo água, caindo do pobre—e naufragou. A tripulação passa trabalhos, vê a morte de perto e, por acaso, consegue salvar-se. *A Batalha* não se tinha enganado e o sr. Correia da Silva foi, conscientemente, um criminoso, porque não teve o menor escrúpulo, em arremessar para a morte, da qual

milagrosamente escaparam, um punhado de homens. Após o naufrágio, *A Batalha* muito naturalmente continuou, ouvindo várias pessoas que conheciam a fundo o assunto, a provar que o sr. Correia da Silva procedera como um autêntico criminoso que, por ser rico, e bem visto pelas pessoas «ordeiras» gozava admirável impunidade. E procedendo assim, apenas nos cumpriu o elementar dever cívico de apontar erros e flagelar injustiças.

Alguém entendeu, numa ânsia de vingança, dever atentar contra a vida do sr. Correia da Silva. Que culpa nos pode caber neste acto que não previmos nem aconselhamos? Se adivinhássemos que cada delinquento que apontássemos aqui viria a cair banhado em sangue, sob os tiros duma pistola vingadora—seríamos cúmplices. Mas esses actos anormais, que não podemos prever, não podem ser uma força tam poderosa que nos leve a calar os crimes que por aí se praticam, a solidarizar-nos com os criminosos que merecem ser atacados nesta gazeta. O receio dum acto violento, se o tivéssemos, como esses jornais conservadores pretendem, levar-nos a deixar de publicar *A Batalha*. Sabe por exemplo o *Correio da Manhã* se amanhã o dr. Afonso Costa será alvo dum atentado? E se fosse, admitindo o critério que levou a acusar-nos, não teríamos nós o direito de afirmar que esse atentado teria sido incitado pelo órgão monárquico?

Melhor andariam os jornais que se cederam tanto com a sorte do sr. Correia da Silva e não tiveram uma única palavra do alarme para evitar o naufrágio provável que a tempo denunciámos, que aconselhassem os Correia da Silva, que andam por aí à solta a atentar contra a vida de quem trabalha, a moderar as suas ambições, respeitando a vida alheia.

## Um acto de "heroísmo"

O nosso camarada Alvaro Anselmo é agredido cobardemente por um tenente

Ontem, cerca das 18 horas, desciam pacificamente a rua Nova do Carmo os nossos presos colegas na imprensa, Mário Graça e Alvaro Anselmo. Em sentido contrário, seguia um militar qualquer, um tenente de artilharia, o qual, talvez casualmente, deu um encontro no segundo daqueles nossos camaradas.

A violência do encontro foi tal e a atitude do oficial era tão agressiva, pois media o nosso camarada de alto a baixo, que este não resistiu em perguntar: «O senhor não vê?»

Foi o bastante para que o militar, julgando estar a tratar com automatos subordinados seus, se dirigisse ao nosso camarada com uma atitude agressiva e o intimasse a retirar-se «se não seria pior».

Claro que o nosso amigo Anselmo não obedeceu, antes retorquiu-lhe que ele estava habituado a tolerar indeluzíveis, fosse a quem fosse. Tanto bastou para que o militar avançasse para ele e arrojasse o agredido a solo, com o intuito de agredido tempo para se defender, pois foi imediatamente agarrado por um indivíduo que estava à paisana e depois se soube ser capitão.

Enquanto tudo isto se dava, passava pelo local o chefe dos impostos sr. Joaquim Teixeira, o qual, sem conhecer o nosso camarada, mas vendo a razão que lhe assistia, se propôs defendê-lo, avançando para o tenente em atitude amedrontadora. prontamente o capitão largou o nosso camarada e se dirigiu de pistola em punho para o sr. Teixeira, que não se intimidou, antes amedrontou e, passados momentos, o sr. Teixeira estava no chão e ferido no rosto e nariz, pretendendo o tenente agredido com a sua própria bengala, pois lograra desarmá-lo. Obteve a isso o nosso camarada Anselmo, o qual foi detido pela polícia, bem como o sr. Teixeira, a requisição dos agressores.

Uma vez no Governo Civil, foram os nossos presos em liberdade, pois os nossos desistiram generosamente da causa, tendo o tenente declarado que se tinha irritado com a atitude do nosso camarada, não obedecendo à sua ordem para se retirar e tendo-lhe, perantão, gente que se juntara, chamado «vileta», a hora chic do Chiado, armar violência, não os conseguimos saber.

## INGLATERRA

O reconhecimento do governo republicano grego

ATENAS, 25. — Sir Milne Cheetan, ministro da Inglaterra, esteve no ministério dos Negócios Estrangeiros, onde informou o ministro sr. Rousses, de que o governo inglês tinha reconhecido o governo republicano grego.

A Turquia também reconheceu já a República.

A conferência anglo-russa

LONDRES, 25. — Reuniu a quarta comissão da conferência anglo-russa, para examinar os tratados entre a Rússia e a Inglaterra. Foi resolvido adiar as sessões plenárias até que as comissões parciais entreguem os seus relatórios.

A questão do desarmamento

LONDRES, 25. — O *Daily Express* pertence ao milionário canadense Lord Beverbrook; publica um editorial, dizendo que a proposta do presidente Coolidge para a reunião da conferência para tratar da questão do desarmamento, não é mal vista em França, mas que este pouco eminentemente prático, quer, antes de retirar as suas tropas negras das regiões ocupadas, saber o que significa o desarmamento e quais as garantias que serão dadas à França.

DINAMARCA

Um governo trabalhista...

COPENHAGUE, 25.—O novo ministério declara-se trabalhista e não socialista extremista. Vai preocupar-se especialmente com o problema da carência da vida. O presidente do conselho interrogado sob a política geral de gabinete disse que se esforçaria por trabalhar no estabelecimento de acordos entre os três países escandinavos.

Interrogado ainda sobre os ministros trabalhistas aceitariam convites do soberano para jantar no Paço respondendo que ele e os seus ministros podiam trabalhar em colaboração com o rei e que portanto podiam também jantar com ele tantas vezes quantas o rei quizesse convidar e assistir a todas as festas palacianas sem que por esse motivo se modificassem as suas ideias. As expressões de cortesia nada tinham que ver com a política geral do gabinete que de resto estava trabalhando em estreita colaboração com a monarquia.

RÚSSIA

As relações com a Noruega

REVAL, 25.—A conferência russo-norueguesa vai começar brevemente. A Noruega envia à Rússia uma numerosa delegação.

## Considerações acerca da Conferência inter-sindical realizada em Lisboa :

Teuho esperado que alguém, com mais treino do que eu, venha fazer a análise da Conferência Inter-sindical, fixando e apreciando os factos ali desenvolvidos, o que será enriquecer com uma página a história do movimento operário, que tam difícil é de documentação.

Mas, ninguém a tal se abalçou e como eu acho que em matéria documental as acções, que advinho bastante, porque todas é impossível focar a impressão a que, em todas as assembleias daquela natureza a paixão de tendências arrasta uma parte ou fracção e as faz chocar entre si, tantas desvias inteiramente do roteiro traçado e outras, até, tudo anula, eu venho, e que me perdoem, expôr, palidamente, porque doutro modo não o sei fazer, as impressões colhidas.

Não quero, porém, dizer, quando me refiro, que só palidamente eu expôr, que me reporto à qualificação que me deram e a tantos mais de nulidade. Não!

Também não reivindico para mim o lugar de «intelectual» que o não sou e de sobre o sei e com tristesa o confesso, como nem o reconheci e nem dos que comigo, mais à esquerda, direita ou fundo, tiveram assento e representação naquela reunião.

Nos temos—e com que desgosto o damos a público—muito menos conhecimentos do que aqueles que acquer calculamos ter, e a perder de vista daquelles que precisamos possuir para nos a deixar de publicar *A Batalha*. Sabe por exemplo o *Correio da Manhã* se amanhã o dr. Afonso Costa será alvo dum atentado? E se fosse, admitindo o critério que levou a acusar-nos, não teríamos nós o direito de afirmar que esse atentado teria sido incitado pelo órgão monárquico?

Servimos honestamente e como podemos, e não vamos mais além porque não é impossível, porque o labor constante e extraordinário a que nos entregamos, para nos garantirmos o direito à vida, nos furtu o tempo para o estudo. Não me molestou portanto, nem a

isso me reporto, a tal questão das nulidades, como não aceitar—já o disse o contrário, e quem dentro de nós o fizer só o deverá a um excesso de vaidade mal cabida.

Todos sabemos e de há muito, que são deficientes os moldes em que está viciada a «organização» que aí se vem arrastando. Confessamo-lo todos os dias que ela não satisfaz, que apresenta falhas. Ela não tem evoluído com a mesma velocidade com que o tempo tem mudado a feição das coisas. O que se fez há dez anos, em determinada circunstância, se o formos aplicar hoje igualmente veremos logo a sua insubsistência, e ficamos perplexos ao dar com o erro, porque criamos que determinada forma resistiria. Que fazer então? Claro: adaptar, e adaptar porque na vida tudo é constantemente adaptável, pela simples razão de que eu não poderia calçar hoje os sapatos que me serviam aos dez anos e no entanto servir-me-iam aqueles que, nessa idade, usava o Cabecinha ou o Ntinha.

O objectivo da «organização» é hoje ainda mais complexo do que o imaginávamos aqueles que a complexidade não a acham. E' mais, é muito mais. A sua função dum simplicidade intuitiva está muito além ainda do que tudo quanto se tem previsto; e cada dia que passa mais complexa ela nos aparece. Há mesmo uma necessidade de lhe dar a forma de máquina a que se precisa de constantemente estar a substituir peças, a alienar movimentos, uns, a intensificar outros, e ela nunca estará certa senão provisoriamente. Ela é, e será como a vida porque tudo é vida e ela a transformação continua de tudo.

Só na vida se consuma a ideia do futuro, só ela, até agora, conseguiu realizá-lo.

Porque assim é, e porque os nossos conhecimentos não vão mais além, nos vamos contentando em fazer na organi-

zação o que faz um cateiro que não dispõe dum aparelho para elevar a um metro um bloco de pedra, e se contenta em alquebrar e calçar dum lado, fazer o mesmo do outro, e levar assim um dia todo, quando com um rudimentar aparelho o levava ao lugar, e sem lhe esmurrar arestas, em menos duma hora. Conosco dá-se o mesmo: Como não temos tempo de estudar, nos deixamos ir à vontade da corrente, a que pouco resistimos. Se nos sugerem os assuntos, mas como não temos tempo de os profundar, resolvemos ou apresentamos segundo um critério já feito, ou pouco e imperfeitamente modificados. Conhecemos mais por intuito e reflexo do que por erudição; e por isso não admitimos que algumas das modificações apresentadas para reformar, em parte, a estrutura da «Organização» não resistissem a meia dúzia de considerações anodinas até sobre o joelho. Demasiado conhecemos as razões disso, para fingirmos espanto ou querer atribuir fins a que os apresentantes não viam.

Constata-se que o sindicato não é um simples organismo destinado a fazer greves, por aumento de salário, e a reunir uns cobres com que se há de pagar a renda de qualquer saleta, onde poucas vezes, quando não há motivo forte ou não é azada fazer qualquer reclamação; conclui-se que o sindicato assim não tem vida própria realizando parte mínima da função que lhe está distribuída. O que é pois preciso fazer-lhe? Modificar-lhe a estrutura, dotá-lo de novas células sem as quais os princípios gerais do sindicalismo não se realizam. Está aí, pois, para o que todos fomos ao Liceu de Camões: *Estudar a forma de dar à organização aptidão para se desempenhar da missão que o momento lhe impõe.*

E realizou-se isto?

E' o que vamos ver.

Max DORIS

## PELA PENITENCIARIA

Fala-se dum guarda e das suas proezas

Para variar um pouco o menu, agradei-lhe a fineza de dar à luz da publicidade estas linhas que um assomo de revolta e indignação motivou. O facto de que me venho ocupar pertence a uma outra série, ficando, por isso, a primitiva, suspensa por hoje. Não perde, todavia, pela demora.

Eis o caso: Ontem, 19, encontrava-se um pequeno grupo de companheiros meus lendo um fragmento de jornal. A certa altura um microfalco—o guarda n.º 45—estúpido, imbecil até ao idiotismo, verdadeiramente e autêntica espécie de alvar, sem a menor sombra de educação e muito menos ainda de instrução, sem moral, sem dignidade, sem brilho, sem um carácter definido, aproximou-se do pequeno grupo e tirou-lhe o ofensivo fragmento de jornal. Até aqui estão as coisas dentro da ordem, dentro da lógica regular.

«Estavam ou não estavam os presos transgredindo o regulamento cometido o grande crime de lerem um fragmento de jornal? Evidentemente que sim. Estou de acordo. Mas agora o que eu não estou de acordo, o que eu não posso tolerar, o que não pode deixar de me indignar, é que esse cavalheiro rasgasse na frente de meia dúzia de homens (ou os presos não serão homens)? o referido bocão de papel, simplesmente porque ele tinha lido parte dum exemplar de *A Batalha*... Isso é que eu não posso tolerar sem que aqui deixei bem frizado o meu protesto, e tanto mais tratando-se dum famigerado canalha que a toda a hora comete consequências e graves transgressões regulamentares como posso provar nestes dois seguintes factos:

1.º Regulamentar, é moral, é digno, sr. Branquinho—é este o nome do lartu—explorar vil e infamemente os desgraçados presos como o senhor o faz? Considera anti-regulamentar os presos beberem vinho e acham logo que lho paguem a 7500 o litro!... Que me diz a isto, sr. Branquinho? É isto mentir? Ah! é verdade, mas... é regulamentar!

2.º Regulamentar, é moral, é digno, sr. Branquinho, nós possuímos diplomas? E anti-regulamentar, estou de acordo. Mas agora pergunto-lhes: Será regulamentar que um guarda tenha o arrojo de pedir dinheiro emprestado a quem ele sabe que regulamentar-lhes é impedido possuírem? Não é regulamentar é certo mas é até certo ponto justificado o admissível.

Agora o que nada justifica, o que é absolutamente intolerável, repugnante, infinitamente baixo e ignóbil, é a sua vileza, a sua infâmia, o seu crime de pedir 18000 a um moribundo, 20000 que fins, com que intuito lho pediu? Eu sei e vou dizê-lo aqui, em público, para que toda a gente conheça e cuspa na cara essa ignomínia.

Este bilre pediu de facto, 18000 a um moribundo. Esse desgraçado, e quem substituíram o nome por uns infames algarismos, tem o número 589, há muito tempo que se debate num catre infecto e impróprio do hospital (hospital... que infâmia!) nas atrozes agónias duma tuberculose pulmonar. Foi a este corpo sem vida, a este monte de matéria desgraçada que o guarda pediu os 18000 emprestados...

«Pedi-lhos com o fim honesto de lhes restituir? Não, porque nesse caso pedi-lhos lá a outro que não se encontrasse em tam dolorosíssima situação. Mas é que o cavalheiro não queria um empréstimo; queria, tam somente, um roubo que a sua mente ardilosa planeava.

«Haverá alguém que compreenda o contrário, isto é, que não fique convencido até à evidência que este indivíduo pretende roubar um morto? Sim, um morto, porque infelizmente pouca ou quase nenhuma vida lhe resta. Infelizmente, digo eu? Não! não a morte para uns desgraçados assim não é um mal, não é pelo contrário, uma radiosíssima felicidade?...

Eu te bendigo, oh! Mortel porque tu és, apesar de tudo, a nossa amiga carinhosa a nossa libertadora!... Dizem que és horrível? Mentira! O que é absolutamente horrível é este inferno que vivemos—despótico e infernal reinado da vileza, da ignomínia da infâmia e da padroaria!...

Libos e Cadeia Nacional, em 21 de Abril de 1924. — Recluso n.º 163. — Joaquim José Pacheco.

## ABASTECIMENTOS

A repressão contra os mixórdios e especuladores

Foi remetido ao tribunal de Sintra o comerciante de Queluz, José Nunes de Melo, por vender mantença falsificada. E' reincidente, tendo respondido há dias por vender colarum com farinha de milho, que a análise deu como imprópria para o consumo.

Deu entrada no tribunal dos Assamblesadores aquele comerciante da rua Marcos Portugal, cujo estabelecimento está encerrado por vender batata a 2500 o quilo.

Também foi preso Casimiro António Silveira, caixeiro da mercearia da rua de Campolide, n.º 160, filho do proprietário da mesma, por ter resistido aos agentes do Commissariado, tendo rompido os selos de uma mantença apreendida e que a análise deu como falsificada.

O carvão vai aumentar de preço?

Os vendedores de carvão foram ontem pedir ao commissário dos Abastecimentos para lhes ser consentido elevar o preço do carvão, alegando a favor do aumento o facto de terem sido agravadas as tarifas dos caminhos de ferro.

Nas Feiras Livres pôe hoje o Commissariado a venda a 1550 o quilo, continuando também a ser ali vendidas hortaliças e demais géneros.

Para o Armazém Regulador de Setúbal foi enviado um vagão de batata para ser vendida a 1550 o quilo, a fim de se evitar a especulação que o comércio local está fazendo com esse género.

«Deu entrada no tribunal dos Assamblesadores aquele comerciante da rua Marcos Portugal, cujo estabelecimento está encerrado por vender batata a 2500 o quilo.

Também foi preso Casimiro António Silveira, caixeiro da mercearia da rua de Campolide, n.º 160, filho do proprietário da mesma, por ter resistido aos agentes do Commissariado, tendo rompido os selos de uma mantença apreendida e que a análise deu como falsificada.

O carvão vai aumentar de preço?

Os vendedores de carvão foram ontem pedir ao commissário dos Abastecimentos para lhes ser consentido elevar o preço do carvão, alegando a favor do aumento o facto de terem sido agravadas as tarifas dos caminhos de ferro.

Nas Feiras Livres pôe hoje o Commissariado a venda a 1550 o quilo, continuando também a ser ali vendidas hortaliças e demais géneros.

## Na Mina de São Domingos

Não é verdade que os mineiros estejam em greve

MINA DE SÃO DOMINGOS, 23. — Uma falsa notícia inserida em *O Diário de Notícias* do dia 21 obriga-nos a escrever algumas linhas.

Não houve e não há da parte dos operários o menor intuito de greve.

Na madrugada de 19 explodiram 2 bombas sobre a habitação do director, causando pequenos estragos materiais. Foram detidos dois operários que horas depois eram postos em liberdade.

Sómente os operários—mas isto sem o mais pequeno motivo—resolveram declarar a greve, caso houvesse a perseguição a operários inculcados. Como, porém, por enquanto isto se não observasse, os operários continuaram trabalhando com a actividade do costume.

A ardilosa notícia de *O Diário de Notícias* demonstra bem claramente a astúcia burguesa de quem a redigiu e de tal pretexto ci está algumas dezenas de soldados da guarda.

E' que os operários reclamaram ultimamente novo aumento de salário, devendo a resposta ser dada por estes dias.

Devem, portanto, os operários ter calma, mas não deixem de observar a astúcia dos verdadeiros criminosos. A história destes factos a seu tempo será feita.

Em face do que se passa, foi enviado ao presidente da república o seguinte telegrama:

«Operários mineiros manifestam profunda pena pelos actos astuciosos ou cobardes e solicitam rápido reconhecimento da sua associação.» — O. P. E. S.

## O 1.º de Maio

Resoluções do Conselho Confederal

Na reunião de ontem do Conselho Confederal foram apresentados os trabalhos a levar aos comícios no próximo dia 1.º de Maio, e que se efectuam na maior parte das terras do país, tribuladas essas que constam de moções especiais sobre cédula pessoal; amnistia aos presos por questões sociais; perseguições ao operariado de todos os países e significado do 1.º de Maio.

Todos estes assuntos foram analisados e discutidos detalhadamente por quase todos os delegados.

Foram lidos os actos de diferentes sindicatos do país, pedindo delegados para os comícios e sessões de propaganda que se efectuam naquele dia, sendo alguns nomeados, ficando o comité confederal encarregado de nomear os restantes.

Parade e Arredores

Refez hoje, pelas 20 horas, em assembleia geral, o Sindicato da Construção Civil de Parade e Arredores para tratar da comemoração do 1.º de Maio. Reuniram também a mesma hora, os componentes dos Sindicatos de Têxteis e de Cascais para se combinar a realização dum comício de acordo com os três sindicatos do concelho.

Trabalhadores: — de A BATALHA

## A CONFERENCIA DOS SECRETARIOS GERAIS

inicia amanhã os seus trabalhos

AS FEDERAÇÕES DE INDÚSTRIA, OS SINDICATOS NACIONAIS E ISOLADOS VÃO PRONUNCIAR-SE SOBRE PROBLEMAS DE INTERESSE PARA A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA

A organização operária, continua indústria e a maneira como ela existe no país. Saber-se há também os pontos do país em que predomina cada uma das indústrias.

O que se entende por capacidade industrial? Deve determinada indústria continuar deseminada por certos pontos do país ou devem criar-se centros industriais próprios?

Estes problemas exigem para ser debatidos conhecimentos detalhados das indústrias. Compreende-se facilmente a importância que elas revestem sob o ponto de vista dum vista dum boa organização da produção numa sociedade em que os produtores não sejam explorados.

Como e a quem deve ser cometida a gestão industrial? A uma pergunta desta importância, não pode de modo algum responder-se com frases inconsequentes, com vagas e declamatórias afirmações.

O que entendem sobre a introdução da maquinaria para aproveitamento e desenvolvimento das indústrias pelos operários.

O problema da maquinaria é sempre velho e sempre novo. Desde o aparecimento da primeira máquina na indústria até ao grande e sempre crescente desenvolvimento da maquinaria moderna, profundas transformações se tem operado nas indústrias. Não é de animo leve que se responde a uma tam complexa interrogação.

Nenhuns dos assuntos que às indústrias se referem é desprezado. Por fim, a interrogação culminante: Como deve fazer-se a apropriação pelo proletariado de todos os meios de produção?

A Conferência dos Secretários Gerais que amanhã se inicia, abordando problemas desta latitude, virá, com certeza, contribuir para o aperfeiçoamento da organização sindical e tornar possíveis as mais elevadas e ousadas concepções. Em face disso não temos receio de ser tomada, à conta de entusiástico exagero, a afirmação de que o proletariado aguarda com ansiedade essa reunião de onde espera colher frutos positivos e belos ensinamentos.

## Uma saudação

Do dr. Vicenzo Capuana, camarada italiano, que as perseguições de Mussolini obrigaram a abandonar a Itália, recebemos a propósito da Conferência Regional Anarquista, há dias realizada em Lisboa, a seguinte carta, que gostamos de publicar:

Camaradas: Banido pelo vento reacção do reino do tirano Mussolini, expulso de Espanha pelo famigerado Rivera, irmão gêmeo do ditador italiano, eis-me em Lisboa, onde tive o prazer e o orgulho de ter assistido à Conferência Regional Anarquista.

Sou velho frequentador de Conferências e Congressos desta natureza, não só em Itália como na América do Norte. Entusiasmou-me a presença dos homens ativos, fortes, jovens, esbeltos e inteligentes, discutindo com elevação as teses apresentadas na Conferência e o respeito máximo, baseado apenas na força da inteligência e do espírito anarquista.

Jovens! Companheiros! O vosso movimento segue a luminosa senda da grande causa da libertação humana. Vejo um futuro melhor e em vós, companheiros, o facto que iluminará o cérebro dos trabalhadores que actualmente vivem presos na rede dos magnates burgueses—os verdadeiros inimigos de Anarquia, que pregam hipocritamente as massas a subversão contra a subversão. Mas o tempo e a verdade, pouco a pouco, os vós desmascarando.

Dejo-vos um futuro de triunfo. Vicenzo Capuana.

## A Cédula pessoal

Protestos

Lavraram o seu protesto contra o estabelecimento no nosso país da ignominiosa cédula pessoal, mais os seguintes organismos:

Descarregadores de Mar e Terra de Almeida, S. U. Metalúrgico de Lisboa, Tanoiros, Trabalhadores Rurais de Sintra, Empregados no Comércio de Olhão, Trabalhadores Rurais de Souzela, Manufactores de Tecidos de Gouveia e Têxteis da Covilhã.

Protestos

Lavraram o seu protesto contra o estabelecimento no nosso país da ignominiosa cédula pessoal, mais os seguintes organismos:

Descarregadores de Mar e Terra de Almeida, S. U. Metalúrgico de Lisboa, Tanoiros, Trabalhadores Rurais de Sintra, Empregados no Comércio de Olhão, Trabalhadores Rurais de Souzela, Manufactores de Tecidos de Gouveia e Têxteis da Covilhã.

Protestos

Lavraram o seu protesto contra o estabelecimento no nosso país da ignominiosa cédula pessoal, mais os seguintes organismos:

Descarregadores de Mar e Terra de Almeida, S. U. Metalúrgico de Lisboa, Tanoiros, Trabalhadores Rurais de Sintra, Empregados no Comércio de Olhão, Trabalhadores Rurais de Souzela, Manufactores de Tecidos de Gouveia e Têxteis da Covilhã.

Protestos

Lavraram o seu protesto contra o estabelecimento no nosso país da ignominiosa cédula pessoal, mais os seguintes organismos:

Descarregadores de Mar e Terra de Almeida, S. U. Metalúrgico de Lisboa, Tanoiros, Trabalhadores Rurais de Sintra, Empregados no Comércio de Olhão, Trabalhadores Rurais de Souzela, Manufactores de Tecidos de Gouveia e Têxteis da Covilhã.

123456789101112131415161718192021222324252627282930313233343536373839404142434445464748495051525354555657585960616263646566676869707172737475767778798081828384858687888990919293949596979899100



HOJE SÁBADO HOJE  
Teatro Nacional

RECITA dedicada á Aviação Militar, a favor da qual reverterá o produto, havendo um entre-acto em que os artistas do Nacional recitam vários trechos patrióticos, seguindo-se-lhe

O CRIME DE ARRONCHES

A VOZ DO OPERARIO Os desmoraonamentos

Uma carta sobre o seu funcionamento

Sócio auxiliar desta instituição de beneficência e instrução, assistí pela primeira vez á última assembleia geral e passei o que vi, porque, por muito que me constasse nunca supus que os factos excedessem a minha expectativa. Dizia-se a Voz cobras e lagartos, e á força de tanto ouvir, dispuz-me a assistir a uma assembleia, nunca calculando que numa agremiação composta de uma centena de milhares de sócios fosse possível que quatro gerências de quatro anos não apresentassem as suas contas nos prazos respectivos como determina o n.º 8 do art. 32.º dos estatutos que reza assim:

«Apresentar as suas contas, por anos económicos, á assembleia geral, ficando essas contas patentes por espaço de 8 dias na sede social, para qualquer sócio as poder examinar».

Este ponto que eu li em A Batalha na convocação da aludida última assembleia, despertou-me a atenção e fui, mais em vez da colectação dos relatórios de contas, ouvir o ataque cerrado aos corpos gerentes da Voz, ataque de que eles não souberam ou não puderam defender-se!

Tive por momentos a impressão que se tratava dos Transportes Marítimos ou outras manigâncias conhecidas, pois se lê foram acusados de, nas aquisições de materiais para a conclusão da sede, se terem dispensado os concursos públicos, dando este facto origem a possíveis suspeitas de grossas luvas, que sempre se verificam quando se não usa dos concursos.

Na referida assembleia não se tratou destes pequenos casos que aparecem em assembleias operárias e aos quais a imprensa burguesa costuma dar vulto e grandeza que quasi sempre não tem e que nunca são casos de ordem moral como este de que nos occupamos.

Vi na Voz uma «claque» disputando a manutenção dum «tacho» que, segundo parece, tem dado largos proveitos a todos aqueles que juntaram para agora a apresentação duma campanha de relatórios de contas e isto ainda porque a isso moralmente foram impelidos.

Uma «claque» de interessados, defendem que aos sócios auxiliares só é permitido pagarem as suas cotas; «claque» esta composta de analistas, conforme o declarou na assembleia o seu «leader», mas não obstante arrogam-se os únicos capazes de administrar, apesar da sua provada incompetência para serem detentores e senhores de milhares de escudos que comportam agora as receitas!

Não pode ser. Na Voz assiste-se a uma verdadeira burocracia desonesta que pontifica numa sociedade que se diz de Beneficência e de Instrução!

Na Voz, sociedade que tem um órgão que se diz «órgão do operariado em geral», têm-se cometido factos que podem bem comparar-se com os últimos escândalos que se têm verificado em muitas administrações burguesas, e A Batalha, que não tem pouquíssimos escândalos, certamente acompanhará os tristes e lamentáveis sucessos da Voz para que esta possa alguma vez ser aquilo que milhares de sócios auxiliares desejam que ela seja, isto é, uma Sociedade de Beneficência onde a Beneficência não seja de «fútil secreto», como o justifica a ausência de relatórios de contas; uma Sociedade de Instrução onde a instrução não esteja nas mãos de uma regente que não rege nada, porque não aparece, mas que contudo nunca desappareceu para receber os seus imerecidos vencimentos! Uma Sociedade de Beneficência e Instrução que não sustente uma burocracia pesada e inútil; onde se pague melhor a quem pior trabalhe, onde finalmente, irradiem melhores princípios, sem os quais não poderá haver boa instrução.

As autoridades que tam atentas são sempre a factos menos importantes, se embra que o alvará da Sociedade de Beneficência e Instrução «A Voz do Operário», o qual é assinado pelo governador civil em 6 de Julho de 1907, diz no final:

«Esta Sociedade sujeita, nos termos de direito, á fiscalização administrativa e a ser-lhe retirada a presente aprovação, quando se desvie dos fins para que se constituiu, ou deixe de observar os estatutos».

Ora se em harmonia com os estatutos os sócios auxiliares não tem direito ao voto deliberativo, — o que de resto não precisamos, — também lógico é que os actuais corpos gerentes sejam chamados por quem de direito a prestar contas, pela falta de observância do n.º 8 do Art. 32 dos mesmos estatutos — Alberto Monteiro, sócio auxiliar.

Os trabalhos da comissão

A comissão de sócios auxiliares da Sociedade «A Voz do Operário» deve avistar-se hoje com o governador civil do distrito, a quem exporá a situação anormal em que se encontram as suas direcções, que, durante quatro anos não apresentaram contas dos seus actos administrativos, o desrespeito pelos estatutos, não abrindo concursos para fornecimento de materiais para a obra da sede, e toda a série de factos irregulares praticados durante as últimas gerências, apresentando ao mesmo tempo a moção votada na última assembleia, na qual se pede uma rigorosa sindicância aos actuaes directores da Sociedade «A Voz do Operário».

Proceder-se-há, amanhã, á

distribuição do produto

dos bandos precatórios

Na sede do Sindicato Ferroviário, rua do Arco Marquês do Alentejo, 30, 2.º, reuniu-se ontem a comissão promotora dos cinco bandos precatórios efectuados em 6 do corrente, para as vítimas dos últimos desmoraonamentos, tendo presidido Manuel Tomé, secretariado por Victor Hugo Vidal e Guilherme Barreiros.

O fim da reunião foi determinar quais os necessários e qual o quantitativo a entregar a cada um, tendo sido salientadas, todas as entidades que se incorporaram nos bandos precatórios, nomeadamente a Sociedade Humanitária Cruz de Malta e o 2.º comandante dos Bombeiros Municipais.

O produto líquido, 22.260\$000, será amanhã dividido igualmente, por cada uma das seguintes pessoas: João Gomes Oliveira, Alexandrina Lacerda Martins, José Alexandre Abrantes, Maria M. Abrantes, Maria Faria Abrantes, Maria Alexandrina Abrantes, Artur da Silva, Augusta da Conceição, Albano Soares, José da Conceição, Adeline da Conceição, Brígida da Conceição, Manuel da Conceição, Agostinho da Conceição, Eng.º Pereira, Agostinho Pereira, José Figueiredo Lopes, Matilde Lopes, João Carvalho Lopes, Clotilde Lopes, N.ª Idália Heitor Lopes, Mário Lopes, José Lopes, Arnaldo Franco, Adalberto Franco, Mário Franco, João Franco, Natália Franco, N.ª Maria Franco, António Franco, Agostinho de Sousa, Júlia de Sousa, Francisco Matos, Ana Neves de Matos, José de Matos, Piedade de Matos, Francisco Neves Matos, Ernestina, que vive actualmente na rua S.ª da Rainha de Carvalho e seu irmão, Da traveira do Tarjão, Francisco Vieira, mulher e 4 filhos, Henrique Martins, Maria Antónia de Almeida e a pequena Ivone da Silva.

A distribuição far-se-há pelas 17 horas, devendo para esse effeito encontrarem-se á hora actua indicadas, na sede do Sindicato Ferroviário, todos os interessados.

A comissão, convida todos as colectividades, que á auxiliaram, a enviar um delegado para assistir á distribuição.

Foi entregue por Maria Figueira, a quantia de 112\$500.

Récita de estudantes

Como noticiámos realiza-se no próximo domingo 27, no Teatro Politeama, pelas 15 horas, a festa dos alunos da Escola Commercial de Velga Beirão, com a representação da opereta em 3 actos «Jornal» da autoria do professor sr. Cândido de Carvalho e música do maestro sr. António Eduardo da C. Ferreira.

Esta opereta que é interpretada pelos alunos da mesma escola tem um corpo coral de cerca de 80 meninas e rapazes. Os bilhetes encontram-se á venda na bilheteira do teatro.

SECÇÃO TELEGRAFICA

Federações

METALÚRGICA

Metalúrgico de Torres Novas — Contem com delegados

CAÇADO, COUROS E PELES

Jerónimo de Sousa — Esclarece o erro na parte da dificuldade do desempenho cabal da missão, o resto tudo entendido.

Comité de P.ª Federal do Norte

— Segue officio.

Comité de P.ª Federal do Sul

— Segue carimbo, officio e papel timbrado.

Sindicato Unico de Guimarães

— Segue dinheiro e officio.

S.ª Manufacturas de São Tiago

de Cacém — Segue o papel timbrado e officio.

Manufacturas de Montemor-o-

Novo — Seguem officios.

Perfumaria Elite

Completo sortido de utensílios para barbeiros

Largo do Calhariz, 18 (Edifício de «A Luta»)

TELEFONE 1148 CENTRAL

IMPRENSA

Estão em moda os panfletos. O patriota, agora, está transformando os seus hábitos, pois desistiu dar tiros, por cansaço e aborrecimento, para entrar no caminho dos affectivos, com encarnação de espavorecer agentes.

São Carlos

— Telefone N. 3063 —

HOJE — A's 21,30 da noite

ÚLTIMA REPRESENTAÇÃO

da peça em 3 actos, de IBSEN

CASA DE BONECA

Admirável trabalho de Lucília Simões

Obra encantadora, primorosamente desempenhada

Sexteto sob a direcção de René Bonet

Não há locação, a qualquer hora: Camarotes e Fritas, 4800, 5000 e 5200; Torrinhas, 1200; Fautuils, 800, e Verandas, 200.

Amanhã: DOMINGO — Réprisa da

ZAZÁ em récita unica

Quinta-feira, 8 de Maio: «Premiere» da

peça Sudermann «As fogueiras do

São João», assombrosa criação de

Lucília Simões. Marcam-se já bilhetes para esta recita.

Coliseu dos Recreios

HOJE — A's 21,15 (9 114) — HOJE

Companhia Italiana

de ópera e opereta

2.ª representação da linda opereta

do maestro FRANZ LEHAR

A MAZURKA AZUL

que ontem, na sua estreia, obteve

um extraordinário successo

MUSICA DELICIOSA

DESEMPENHO MAGNIFICO

O melhor e mais artistico

espectáculo de Lisboa

— A's 21,15 (9 114) — HOJE

Companhia Italiana

de ópera e opereta

2.ª representação da linda opereta

do maestro FRANZ LEHAR

A MAZURKA AZUL

que ontem, na sua estreia, obteve

um extraordinário successo

MUSICA DELICIOSA

DESEMPENHO MAGNIFICO

O melhor e mais artistico

espectáculo de Lisboa

— A's 21,15 (9 114) — HOJE

Companhia Italiana

de ópera e opereta

2.ª representação da linda opereta

do maestro FRANZ LEHAR

A MAZURKA AZUL

que ontem, na sua estreia, obteve

um extraordinário successo

MUSICA DELICIOSA

DESEMPENHO MAGNIFICO

O melhor e mais artistico

espectáculo de Lisboa

— A's 21,15 (9 114) — HOJE

Companhia Italiana

de ópera e opereta

2.ª representação da linda opereta

do maestro FRANZ LEHAR

A MAZURKA AZUL

que ontem, na sua estreia, obteve

um extraordinário successo

MUSICA DELICIOSA

DESEMPENHO MAGNIFICO

O melhor e mais artistico

espectáculo de Lisboa

— A's 21,15 (9 114) — HOJE

Companhia Italiana

de ópera e opereta

2.ª representação da linda opereta

do maestro FRANZ LEHAR

A MAZURKA AZUL

que ontem, na sua estreia, obteve

Coliseu dos Recreios

HOJE — A's 21,15 (9 114) — HOJE

Companhia Italiana

de ópera e opereta

2.ª representação da linda opereta

do maestro FRANZ LEHAR

A MAZURKA AZUL

que ontem, na sua estreia, obteve

um extraordinário successo

MUSICA DELICIOSA

DESEMPENHO MAGNIFICO

O melhor e mais artistico

espectáculo de Lisboa

— A's 21,15 (9 114) — HOJE

Companhia Italiana

de ópera e opereta

2.ª representação da linda opereta

do maestro FRANZ LEHAR

A MAZURKA AZUL

que ontem, na sua estreia, obteve

um extraordinário successo

MUSICA DELICIOSA

DESEMPENHO MAGNIFICO

O melhor e mais artistico

espectáculo de Lisboa

— A's 21,15 (9 114) — HOJE

Companhia Italiana

de ópera e opereta

2.ª representação da linda opereta

do maestro FRANZ LEHAR

A MAZURKA AZUL

que ontem, na sua estreia, obteve

um extraordinário successo

MUSICA DELICIOSA

DESEMPENHO MAGNIFICO

O melhor e mais artistico

espectáculo de Lisboa

— A's 21,15 (9 114) — HOJE

Companhia Italiana

de ópera e opereta

2.ª representação da linda opereta

do maestro FRANZ LEHAR

A MAZURKA AZUL

que ontem, na sua estreia, obteve

um extraordinário successo

MUSICA DELICIOSA

DESEMPENHO MAGNIFICO

O melhor e mais artistico

espectáculo de Lisboa

— A's 21,15 (9 114) — HOJE

Companhia Italiana

de ópera e opereta

2.ª representação da linda opereta

do maestro FRANZ LEHAR

A MAZURKA AZUL

que ontem, na sua estreia, obteve

um extraordinário successo

MUSICA DELICIOSA

DESEMPENHO MAGNIFICO

O melhor e mais artistico

espectáculo de Lisboa

— A's 21,15 (9 114) — HOJE

Companhia Italiana

de ópera e opereta

2.ª representação da linda opereta

do maestro FRANZ LEHAR

A MAZURKA AZUL

que ontem, na sua estreia, obteve

um extraordinário successo

MUSICA DELICIOSA

DESEMPENHO MAGNIFICO

O melhor e mais artistico

os corvos de casaca e batina! Viva a

Liberdade!

Este brado de rebeldia contra a men-

surra religiosa causou, como era de

esperar, viva efervescência entre os ca-

ralhados, que deram immediatas instruções

a alguns rapazes para rasgarem os ma-

nifestos, o que não impediu, porém,

que toda a gente tomasse conhecimento

do seu conteúdo.

O povo já não dá o seu concurso ás

fantochadas religiosas por convicção.

Apenas os burgueses, a garotada e al-

guns inconscientes na dependência do

«bons» católicos, se prestam a empen-

har brilho ás procissões, tendo a de

agora o «atractivo» ou «chamariz» de

duas filarmónicas, senão ressaltaria um

fiasco...

Um «bom» mantenedor

da ordem

E' costume em segunda-feira de Pás-

coa, muita gente desta vila ir em roma-

ria á freguesia de São Mateus, distante

uns três quilómetros, e onde se realiza

uma festa religiosa, que é um bom pre-

texto para a mocidade folgar improvisa-

mente bailando. Noutro tempo regis-

taram-se por esta ocasião desordens

que tomavam ás vezes grande vulto,

mas desde 1910 que tal não acontece.

Este ano, porém, dois rapazes tive-

ram uma desavença por uma questão

fútil e que com cordura e critério de-

pressa se apaziguara, se não fosse a

intervenção intempestiva dum soldado

da guarda republicana, que entendeu

dever aumentar a desordem agredindo

á espedrada a torto e a direito. Al-

gumas pessoas ficaram feridas, sendo

enorme a indignação do povo contra o

envergamento, do que poderia resultar

sérias consequências se não fosse a atitu-

dade conciliatória de dois sargentos da

mesma corporação. — C.

ESCOLA-TEATRO

ARAÚJO PEREIRA

E' hoje que aqueles que desejam dis-

trair o seu espirito, educando-se simu-

laneamente, terão excoje de assistir á

primeira das duas récitas a levar a cabo

pelos alunos desta escola, no palco da

Escola Officina n.º 1, largo da Graça, 58.

O programa, já divulgado, e que

consta do «Amanhã», prólogo dra-

mático em que Manuel Laranjeira, seu

autor, retrata a vida trágica das vítimas

da sociedade, e das comédias «Cas-

amento por conveniência» e «O olho de

vidro», esta levada á scena pela pri-



## DOCTRINA E CRÍTICA

## O movimento operário italiano

Cinquenta anos de luta revolucionária -- Para  
... a história das reivindicações proletárias ...

O ano de 1900 foi o princípio duma nova era proletária na Itália. Não por que o velho «caminho das cobras» tivesse ladeado agora de sobes e rosas, cujos espinhos agudos dilaceravam os caminhos e procuravam deter a nova vida. As balas que a força armada do governo atirava sobre os trabalhadores, tornaram-se de uso diário. Por meio do sangue desprezado dos trabalhadores devia ser conservada a tranquilidade da burguesia. Esta política de opressão aos trabalhadores italianos com o auxílio das balas e sabres devia, levá-los em breve ao desespero. Retiraram-se novamente conflitos graves entre o proletariado e a força pública. Não só pelos trabalhadores se tornava esta odiada, mas por quasi toda a população em geral.

Neste período de tempestade e de tribulação nasceu a inesquecível greve geral do proletariado italiano de setembro de 1904, que paralisou inteiramente a vida económica e social do país. Este grandioso movimento acelerou a «ascensão» do proletariado. As malhas da organização fortificaram-se, duplicaram-se. A única organização proletária que abrangia todas as forças do país, o «Secretariado Nacional de Resistência», com orientação revolucionária, concentrou em si todas as energias de luta do proletariado e conduziu-o com firmeza no caminho da vitória.

Contra a posse ilegal das grandes propriedades, realizada séculos antes pela aristocracia, levantaram-se as organizações dos camponeses que exigiam o respeito dos seus primitivos direitos. Pela acção directa dos camponeses conseguiu-se uma espécie de compensação, que garantia a ocupação do solo e das terras por meio das escolas de agricultura, as quais tinham merecido a aprovação dos camponeses.

Os tribunais e o estado absteram-se de intervir, para reconhecerem os direitos indiscutíveis dos primeiros trabalhadores. Os dez anos, de 1891 a 1901, foram ricos em episódios, em que os trabalhadores dos campos recorreram à acção directa.

Nas extensas planícies de Pádua, onde o sindicalismo revolucionário tinha tomado primeiro raízes, rebentavam ora aqui, ora acolá, greves dos trabalhadores esmagados das minas de sal-gema que reclamavam o justíssimo direito à vida, que lhes tinha sido negado até então. Estas greves, nas quais tomaram parte dez, cem ou mesmo mil trabalhadores tinham todas carácter revolucionário com meios violentos. Os agrários -- dos mais reaccionistas entre os camponeses -- não lutavam também contra os trabalhadores com meios medidos. Eles utilizavam-se do poder do estado, de modo que cada greve tinha como consequência uma série de conflitos graves. E não poucas vezes atiravam a cavalaria sobre os corpos dos trabalhadores, das mulheres e das crianças, que pejavam as calçadas, quando eles se aproximavam. Os fraternais sentimentos dos soldados -- eles eram carne da carne do proletariado e sangue do mesmo sangue -- evitavam muitas vezes o terrível derramamento de sangue, que seriam certamente provocados os conflitos, para não acontecerem as justas reclamações dos trabalhadores da terra. As lutas entre o capital e o trabalho apresentavam-se na Itália quasi sempre como uma luta de classes.

Os trabalhadores não queriam melhorar momentaneamente a sua situação económica -- não, nas greves manifestava-se principalmente o espírito de solidariedade para com todo o proletariado, para com todos os trabalhadores dos campos e das fábricas. E estas greves tinham uma grande consequência moral por causa do seu carácter revolucionário. As greves na Argentina, Ieri, Piombino, nas províncias de Ferrara e Parma, Carrara e Apúlia tinham todas por fim a conquista do pão, a re-

berço, vitória imprimiu-lhe movimento, continuando a conversar comigo.

— E a mensagem? perguntou-me ela, como te acollheram aqueles bárbaros? Querem a paz?... ou uma guerra de extermínio?...  
No momento em que eu ia responder-lhe, a minha colação interrompeu-me com um gesto, e acrescentou depois após um momento de reflexão:

— Sabes que Tétrik, o meu bom parente, chegou ontem?

— Bem sei.

— Não pode tardar aqui; prefiro que na presença dele me des conta da tua mensagem.

— Seja como ordena... Pode receber agora o capitão Marion? Encontrei-o quando me dirigia para aqui; vinha conferenciando com Vitorino...

— Scanvoch, meu filho, ainda passou esta noite fora de casa! disse-me Vitoria imprimindo à agulha com que cozia um movimento mais rápido, o que anunciava sempre nela uma forte contrariedade.

— Sabendo da chegada do seu parente da Gascunha, pensei que talvez graves interesses tivessem demorado Vitorino em conferência com Tétrik durante esta noite... E' isto, pelo menos, o que fiz supor ao capitão Marion, dizendo-lhe que Vitoria o poderia receber sem dúvida neste momento.

Vitoria permaneceu alguns momentos silenciosa; depois, pondo de parte a sua obra de costura, ergueu a cabeça e continuou em tom ao mesmo tempo doloroso e reprimido:

— Vitorino tem vícios..., que aniquilarão as suas boas qualidades!

— Tenho confiança e saiba esperar...; a idade pode fazer muito.

— Há dois anos que os seus vícios aumentam e as suas qualidades declinam!

— A sua bravura, a sua generosidade e a sua franqueza ainda não degeneraram.

— A sua bravura já não é aquela tranquila e previdente bravura própria dum general...; torna-se cega

dução das horas de trabalho, a abolição dos velhos privilégios do patronato, e a introdução dos novos direitos proletários. Todas estas lutas com os seus centenares de episódios, ora tristes, ora comovedores continuaram vivendo na história. O auxílio às crianças, aos milhares de filhos dos grevistas foi organizado sistematicamente. Foram estes enviados para outras cidades e muitas vezes para províncias distantes, onde eram recebidos, vestidos e alimentados o melhor possível por famílias de operários, até seus pais saírem vencedores da luta empreendida contra os patrões, e poderem sustentar de novo os seus filhos. Milhares de homens corajosos colocaram-se ao longo das linhas férreas com temerária audácia para fazerem saltar os trilhos a fim de pararem os comboios, que conduziam os judeus do proletariado. Uma cozinha inteiramente comunista tornava possível a resistência de milhares de famílias grevistas. As barricadas, que os grevistas levantaram contra as forças armadas do estado, eram defendidas com obstinação heróica.

Assim decorreram as lutas entre o capital e o trabalho na Itália de 1901 a 1910. Elas foram rapidamente interrompidas pela declaração da fatal guerra europeia.

Aquelas lutas na Itália eram mais do que lutas de classes, era uma guerra de classes. Não só uma pequena escaramuza sangrenta, mas uma luta, que trazia em si todos os sinais duma revolta e de permanente greve geral em todo o país.

A última greve geral antes da guerra foi a de julho de 1914, que recebeu o nome de «semana vermelha». No domingo 7 de julho realizaram-se os trabalhadores grandes assembleias de protesto em toda a Itália contra as infâmias do militarismo. Em Ancona mataram as polícias dois manifestantes, que voltavam pacificamente duma assembleia para casa. O proletariado italiano, revoltado até ao mais íntimo do seu ser por esta criminosa acção da polícia, respondeu por meio duma imediata paralisação do trabalho.

A greve geral tomou em breve todas as características de revolução. Em diversas províncias estiveram os operários senhores da situação, e noutras em vias disso.

Já se preparavam para tomar posse dos armazéns e dos meios de transporte procurando tudo, que pudessem ser útil ao crescente movimento operário. Também os ferroviários aderiram em grande número ao movimento. Se se tinham Operárias em 1906 por causa duma desinteligência lamentável não tivessem sabotado o movimento, teria ele podido manter-se, e conduzir a uma grande vitória, que se perdeu por falta de solidariedade da parte daquela federação.

Foi essa a última página revolucionária, que antes da guerra se pode assinalar à classe operária da Itália. Foi uma página brilhante, só enovelada pela vergonhosa traição dos políticos, que pareciam ter a triste e perniciosa missão de prejudicarem todas as lutas do proletariado.

A entrada da Itália na guerra não teria nunca sucedido, se o espírito do anti-militarismo não tivesse sido paralisado nas massas operárias por meio dos organismos reformistas e dos partidos políticos, que se opuseram a toda a acção anti-militarista. Os chefes do partido defendiam a cómoda divisa: «Nem a favor nem contra a guerra!» A única sindicalista consistia em «frente única anti-guerrista», e interveio, onde e como pôde para que se terminasse a guerra. Mas a opinião pública tinha sido envenenada com brilhantes e mentirosas notícias da guerra e de vitórias nacionalistas.

Apesar disso pôde-se antes e durante a guerra registrar grandes manifestações e greves gerais em diversos centros operários, como em Turim, Sestri

e louca...; a sua generosidade já não escolhe entre os dignos e os indignos; a razão enfraquece-se-lhe, o vinho e a devassidão perdem-no... Por Hesús! bebado e devassado!... meu filho... e amanhã talvez sem igual entre as nações do mundo!... Scanvoch, eu sou uma infeliz mãe!

— Vitorino é meu amigo...; dir-lhe-hei palavras paternais, mas severas...

— Julgas tu que as tuas palavras farão o que não poderam fazer as de sua mãe? aquela que durante vinte anos nunca o abandonou, seguindo-o no exército e muitas vezes ao combate? Scanvoch, Hesús castigame...; eu ufano-me de meu filho...

— E que mãe se não ufana dela, nesse dia em que um valoroso exército aclamava livremente por seu chefe o general de vinte anos, na rectaguarda do qual se via... sua mãe!

— Que importa tudo isso! se ele hoje me deshonra!... E' entretanto, a minha única ambição era fazer de meu filho um cidadão! um homem digno de nossos avós! Alimentando-o com o meu leite, não o alimentei eu também com um abraço e santo amor pela nossa Gália, que renasce com a vida e com a liberdade!... O que desejei eu? viver obscura e ignorada, mas empregar as minhas vigílias, os meus dias, a minha inteligência, o meu conhecimento do passado que me faz conhecer o presente e às vezes o futuro...; empregar finalmente, todas as forças da minha alma e do meu espírito em tornar meu filho valoroso, sábio, esclarecido digno em tudo de guiar homens livres que livremente o elegeram por chefe. Imploro Hesús por testemunha! altiva como gaulesa que sou, feliz na qualidade de mãe por ter dado à luz um tal filho, teria gosado da sua glória e da prosperidade do meu país no interior do retiro onde me abrigasse... Mas ter um filho bebado e debochado! Cólera do céu!... Esse insensato não compreende que a cada um dos seus excessos esbofetia sua mãe!... Se não o compreende, os nossos soldados sentem-o e falam disso entre si...

de insurreição, de lutas pela melhoria de situação económica, social e moral. Lutas motivadas pela fome e pela reacção, lutas pela conquista da terra, pela expropriação revolucionária.

Brilhantes vitórias e gloriosos derrotas. Infames traições e grandiosos heroísmos. Covardia miserável dos chefes e continua resistência das massas! Scopitismo dum lado, e do outro, crença entusiasta na vitória, e o resultado de cinquenta anos de história do movimento operário revolucionário da Itália.

(Da Die Internationale, órgão da A. I. T.).

Ontem atravessava eu o acampamento, três antigos cavaleiros vieram ao meu encontro e saudaram-me... Sabes o que eles me disseram? — Mãe, nós te lastimamos!... Depois, afastaram-se tristemente. — Scanvoch, eu te repito... sou uma infeliz mãe!...

— Escute-me, desde algum tempo que os nossos soldados se desafeiçom a Vitorino; confesso que compreendo isso perfeitamente; porque aqueles que homens livres escolheram por chefe, deve ser puro de todo o excesso e vencer até mesmo as péssimas inclinações da sua idade... Isto é verdade, minha irmã, e não tenho eu tantas vezes repreendido Vitorino na sua própria presença?...

— De acordo.

— Defendo-o, sobre tudo agora, porque se esses soldados hoje são escrupulosos pelo que diz respeito a defeitos frequentes nos jovens chefes militares, obedecem menos aos seus escrupulos... do que a perdas excitações.

— Que queres dizer?

— Inveja meu filho e a influência dele sobre as tropas; para o perder especulam com os defeitos a fim de dar péso a infâmes calúnias.

— Quem pode ter inveja de Vitorino? quem teria interesse em espalhar calúnias?

— Há, sobre tudo, um mês, não é verdade, que essa hostilidade contra seu filho se manifesta e que cada vez vai tomando maior incremento?

— Sim, sim, mas quem suspeitas tu de a ter excitado?

— Minha irmã, o que vou dizer-lhe é bastante grave... Há mais de um mês, que um dos seus parentes, governador da Gascunha veio a Mayença...

— Tétrik?

— Sim, e depois partiu no fim de alguns dias! E quasi logo depois da partida de Tétrik a surda hostilidade declarou-se e foi sempre em aumento!...

— Vitoria encorou-me silenciosamente como se ao princípio não houvesse compreendido as minhas palavras; em seguida, uma ideia súbita lhe ocorreu e exclamou em tom de repreensão:

— Pois que! suspeitarias acaso de Tétrik, meu parente, o meu melhor amigo! ele que é o mais sensato dos homens! que é um dos melhores espíritos desta época, e que até mesmo nas distrações que procura nas suas cartas se mostra grande poeta! ele, um dos mais úteis defensores da Gália, com quanto não seja homem de guerra, e que, no seu governo da Gascunha, repara, à força de cuidados, os males da guerra civil... Ah! irmão! eu esperava outra coisa do teu leal coração e da tua boa razão

— Suspeito daquele homem...

— Oh! cabeça de ferro! carácter inflexível!... por que motivo suspeitas tu de Tétrik? com que direito? que fez ele! Por Hesús! se não fosses meu irmão... se eu não conhecesse o teu coração... julgar-te-hia invejoso da amizade que eu consagro ao meu parente.

Apenas Vitoria pronunciou estas palavras, logo se arrependeu de as ter pronunciado e disse-me:

— Esquece estas palavras...

— Seriam para mim muito penosas, minha irmã, se a dúvida injusta que elas exprimem a tivesse cegado com respeito à verdade do que afirmo.

Neste momento entrou a criada e perguntou se Tétrik podia ser recebido.

— Que entre, respondeu Vitoria, que entre imediatamente!

Ao mesmo tempo apareceu Tétrik.

Era um homem baixinho, de meia idade, tinha a fisionomia sagaz, e um sorriso afável lhe franzia os lábios; finalmente, o seu exterior inculcava ser o de um homem de bem, de modo que Vitoria, vendo-o entrar, não pôde deixar de me lançar um olhar que parecia ainda censurar as minhas suspeitas.

Tétrik foi ao encontro de Vitoria, beijou-a na fronte com familiaridade paternal, e disse-lhe:

— Eu a saúdo, querida Vitoria.

Depois, aproximando-se do berço onde continuava a dormir o neto da mãe dos acampamentos, o governador da Gascunha contemplando a criança com ternura

## TEATROS &amp; CINEMAS

## COLISEU DOS RECREIOS

## A opereta do maestro

## A LENDA DAS CEREJAS

«A lenda das cerejas» é uma das operetas mais interessantes que se tem cantado em Lisboa. O que momentaneamente distingue das que vulgarmente se cantam em Portugal, é a originalidade da forma melódica, é a simplicidade flagrante do sistema de orquestração, e em que uma inspiração fácil e equilibrada põe de quando em quando uma acentuação pitoresca. Não se abusa nesta opereta de longas árias, nem se exagera a exteriorização do cósmico subordinado aos compassos da música.

É curiosa a gradação de efeitos orquestrais que o autor sabe achar nos vários naipes da orquestra, que não nos aparecem, como muitas vezes acontece, falhos de acção e obscuros de sentimento descritivo.

Ve-se bem que o trabalho orquestrativo mereceu ao músico relvado idealismo da parte vocal, cuja intervenção na opereta a valoriza semelhante.

Esta circunstância longe de apoucar o mérito da obra, imprime-lhe realce e justifica no autor tendências absolutamente cheias de equilíbrio, ao mesmo tempo que denota uma apreciável libertação de velhos moldes, hoje prestes a serem postos da parte, no que respeita ao predomínio do canto.

«A lenda das cerejas» recomenda-se também pela graciosidade do seu entrecanção e pela justa adaptação que a música fez, das suas principais cenas.

Não há nesta opereta uma frase enfiada; pelo contrário, aquelas em que o autor mais insiste, por a elas andar preso o motivo melódico, ouvem-se muito bem, porque há nelas verdadeira inspiração.

Os trechos mais salientes da «A lenda das cerejas» são a curta dança do primeiro acto, género «zapateado» espanhol, o delicado dueto e a valsa rubricada coralmente à «bouché fermée» e todo o terceiro acto que curiosamente é integral e fechado pela execução quasi integral do conhecido e célebre minuet de Boccherini.

Repetimos: são as melhores as impressões que nos transmitiram os três agradáveis actos de «A lenda das cerejas», que teve um bom desempenho, principalmente da parte do tenor Neglia, da soprano Luíza Cortes, da graciosa Margherita Neglia, do cómico Frederico Amedeo.

Muito vistoso o cenário e faustosa a vestimentaria. Acertada a regência de Giuseppe Ricci.

Nogueira de BRITO.

## Festas artísticas

Segunda-feira, no Apolo, realiza a sua festa o estimado e nável actor Reginaldo Duarte, tomando parte obsequiosamente, na recita as actrizes Beatriz Baptista, Georgina Gonçalves, Artur de Almeida, Alfredo Henriques, Armando Raposo, Alvaro Barradas, Santos Carvalho, José Moraes Octávio Matos, e mais os artistas da Companhia Odeon de Carvalho: Laura Costa, Amélia Figueira, Joaquim Prata, além de outros e o festejado.

Hoje, em São Carlos, o notável e inconfundível actriz que é Lucília Simões representa, pela última vez, a famosa peça de Ibsen, «Casa de Boneca», uma das suas portentosas criações. Não falte, pois, ao elegante e a quem não quiser privar-se dum espectáculo verdadeiramente admirável.

de insurreição, de lutas pela melhoria de situação económica, social e moral. Lutas motivadas pela fome e pela reacção, lutas pela conquista da terra, pela expropriação revolucionária.

Brilhantes vitórias e gloriosos derrotas. Infames traições e grandiosos heroísmos. Covardia miserável dos chefes e continua resistência das massas! Scopitismo dum lado, e do outro, crença entusiasta na vitória, e o resultado de cinquenta anos de história do movimento operário revolucionário da Itália.

(Da Die Internationale, órgão da A. I. T.).

Ontem atravessava eu o acampamento, três antigos cavaleiros vieram ao meu encontro e saudaram-me... Sabes o que eles me disseram? — Mãe, nós te lastimamos!... Depois, afastaram-se tristemente. — Scanvoch, eu te repito... sou uma infeliz mãe!...

— Escute-me, desde algum tempo que os nossos soldados se desafeiçom a Vitorino; confesso que compreendo isso perfeitamente; porque aqueles que homens livres escolheram por chefe, deve ser puro de todo o excesso e vencer até mesmo as péssimas inclinações da sua idade... Isto é verdade, minha irmã, e não tenho eu tantas vezes repreendido Vitorino na sua própria presença?...

— De acordo.

— Defendo-o, sobre tudo agora, porque se esses soldados hoje são escrupulosos pelo que diz respeito a defeitos frequentes nos jovens chefes militares, obedecem menos aos seus escrupulos... do que a perdas excitações.

— Que queres dizer?

— Inveja meu filho e a influência dele sobre as tropas; para o perder especulam com os defeitos a fim de dar péso a infâmes calúnias.

— Quem pode ter inveja de Vitorino? quem teria interesse em espalhar calúnias?

— Há, sobre tudo, um mês, não é verdade, que essa hostilidade contra seu filho se manifesta e que cada vez vai tomando maior incremento?

— Sim, sim, mas quem suspeitas tu de a ter excitado?

— Minha irmã, o que vou dizer-lhe é bastante grave... Há mais de um mês, que um dos seus parentes, governador da Gascunha veio a Mayença...

— Tétrik?

— Sim, e depois partiu no fim de alguns dias! E quasi logo depois da partida de Tétrik a surda hostilidade declarou-se e foi sempre em aumento!...

— Vitoria encorou-me silenciosamente como se ao princípio não houvesse compreendido as minhas palavras; em seguida, uma ideia súbita lhe ocorreu e exclamou em tom de repreensão:

— Pois que! suspeitarias acaso de Tétrik, meu parente, o meu melhor amigo! ele que é o mais sensato dos homens! que é um dos melhores espíritos desta época, e que até mesmo nas distrações que procura nas suas cartas se mostra grande poeta! ele, um dos mais úteis defensores da Gália, com quanto não seja homem de guerra, e que, no seu governo da Gascunha, repara, à força de cuidados, os males da guerra civil... Ah! irmão! eu esperava outra coisa do teu leal coração e da tua boa razão

## Lisboa na rua

## Rendimentos dos operários

Na enfermaria de Santo António, do hospital de São José, deu entrada Joaquim Paixão, serralleiro, residente na Travessa dos Moínhos, 18, que na estação de Alcântara foi colhido pelo rodado de um vagão, ficando ferido no pé direito.

Na enfermaria C 1 A B, do hospital de Santa Maria, deu entrada Manuel Catarino Dóres Costa, ajudante de chafueir e residente em Cezimbra, onde foi colhido por um camião, ficando contuso pelo corpo.

Na sala de observações, do banco do hospital de São José, deu entrada Manuel da Cruz, jornaleiro e residente em Logar dos Países, Barreiro, que na rua da fábrica da Companhia União Fabril, no Barreiro, ficou entalado entre dois vagões, ficando contuso pelo corpo e com fractura das costelas.

Na enfermaria de Santo Onofre, do hospital de São José, deu entrada Clarinho Manuel, servente e residente na rua da Ataláia, 185, 3.º, que na fábrica Jansen, na rua do Azeiteiro, foi colhido por uma garrafa que se partiu, ficando ferido na mão direita.

## Atropelamento

No banco do hospital de São José recebeu curativo Luis Pacheco, de 75 anos, professor primário, residente na Travessa da Arrochela, que na rua de Santo António dos Capuchos foi colhido por um automóvel, ficando ferido na cabeça.

## Quedas desastrosas

Na enfermaria de Sousa Martins, do hospital de São José, deu entrada Pedro Martins, residente na Calçada da Quintinha, que na rua do Alentejo caiu de uma carroça, fazendo uma entorse no pé direito.

No banco do mesmo hospital recebeu curativo Jerónimo Pinto, residente na rua Maria da Fonte, 30, que na mesma rua caiu de uma carroça, ficando ferido na cabeça.

Na enfermaria n.º 7, do hospital do Desterro, deu entrada António dos Santos, residente no Seixal, que na residência deu uma queda, fracturando a perna direita.

Na enfermaria de Sousa Martins, do hospital de São José, deu entrada Manuel António Galinha, residente em Vidigueira, que ali deu uma queda de um cavalo, fazendo uma luxação na anca direita.

## Livraria RENASCENÇA

Obras literárias, científicas, profissionais e artísticas de autores portugueses e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos, cartões e livros de escultura, mapas de escultura, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunas, Juntas, etc.

Grande sortimento em material escolar, artigos de papelaria e escritório, sempre a preços mais baixos do mercado.

A grandiosa obra de Victor Hugo, «OS MISERÁVEIS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 3 grandes volumes a 3000, acrescentando o preço de porte o embalagem para a província.

Sempre novos artigos e novidades literárias.

## Joaquim Cardoso

Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29 LISBOA

## Pedras para isqueiros

Metais Auer, assim como rochas, ossos, maxilhas, tubos, moedas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, (2.º a casa que funciona em melhores condições).

## Os melhores retratos são os da

## Fotografia América

de A. R. Prata

RUA DO REGISTO CIVIL, 6. 1.º

(ao Intendente)

TELEFONE 3029 N.

## Os melhores retratos são os da

## Fotografia América

de A. R. Prata

RUA DO REGISTO CIVIL, 6. 1.º

(ao Intendente)

TELEFONE 3029 N.

## Os melhores retratos são os da

## Fotografia América

de A. R. Prata

RUA DO REGISTO CIVIL, 6. 1.º

(ao Intendente)

TELEFONE 3029 N.

## Os melhores retratos são os da

## Fotografia América

de A. R. Prata

RUA DO REGISTO CIVIL, 6. 1.º

(ao Intendente)

TELEFONE 3029 N.

## Os melhores retratos são os da

## Fotografia América

de A. R. Prata

RUA DO REGISTO CIVIL, 6. 1.º

(ao Intendente)

TELEFONE 3029 N.

## Os melhores retratos são os da

## Fotografia América

de A. R. Prata

RUA DO REGISTO CIVIL, 6. 1.º

(ao Intendente)

TELEFONE 3029 N.



